



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

### PROJETO MEMÓRIA ORAL

WALTER IGNÁCIO DA SILVA

Hoje, cinco de setembro de 2005, a Biblioteca Mário de Andrade dá continuidade ao seu Projeto Memória Oral, que busca reconstruir a história da Biblioteca, sob diferentes ângulos, entrevistando o ex-funcionário Walter Ignácio, que esteve na instituição desde 1973, tendo atuado em diferentes setores. Na captação de imagem, Washington Bezerra, na captação de som, Paulo Eduardo, e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

**Daisy Perelmutter:** Bom, Walter, a gente gostaria de iniciar o depoimento pedindo para que o senhor nos reconstituísse um pouco sobre a origem das atividades profissionais dos seus pais, da sua família, da cidade em que o senhor nasceu...

**Walter Ignácio da Silva:** Eu nasci em Vera Cruz, em 1947, e trabalhei vários anos na roça. Eu sou do interior do Estado de São Paulo, meu pai é de Minas e minha mãe é da Bahia. Eu fiquei até os 19 anos no interior, depois eu vim para a capital.

**DP:** E como era a sua vida no interior, o seu cotidiano?

**WIS:** Meu cotidiano no interior era, desde os nove, dez anos, eu trabalhava na roça, ajudando meu pai. E, na parte da tarde, eu ia para a escola, isso até concluir o primário.

**DP:** E qual era a sua memória do ambiente da escola em que você estudava?

**WIS:** Olha, o ambiente da escola era muito bom. Porque eram três anos em escola na roça e, depois, no quarto ano primário, eu fui para o ginásio, aliás, o primário.

Concluí o ginásio da cidade, porque lá o ginásio era misturado com o primário, e aí conclui o quarto ano primário. Daí parei, por causa do trabalho. A gente dava muita ênfase ao trabalho lá na roça para ajudar os meus pais.

**DP:** E quantos irmãos?

**WIS:** Nós éramos em nove irmãos, eu e o meu irmão mais novo e o restante minhas irmãs. Mas quem trabalhava era eu e mais duas irmãs, porque sempre são os mais velhos.

**DP:** E qual era o trabalho?

**WIS:** O trabalho era esse de mexer no arado, de arar a terra, capinar, porque a gente plantava arroz, feijão, amendoim numa época. Depois teve uma época em que a gente trabalhou com o café, com colheita, com a capinagem. Isso aí foi até eu vir para São Paulo.

**DP:** Voltando um pouco, ainda na escola, o senhor se lembra dos professores, do espaço físico da escola, se havia uma biblioteca, se o senhor já tinha algum contato...?

**WIS:** Não. Lá, inclusive, a gente não tinha conhecimento de biblioteca, principalmente lá no interior onde eu estudei. Só tenho lembranças da professora do primário, isso é uma coisa inesquecível, inclusive. Dona Judith era uma professora muito bacana, só que cobrava bastante, principalmente, porque, naquela época, quem não soubesse matemática, isso era assim... tabuada e aquelas continhas de somar, dividir, coisa assim, que, se não soubesse, ficava assim... então isso ficou muito marcado.

**DP:** E todas as crianças iam para a escola?

**WIS:** Exatamente. Aquilo era para todas as crianças da escola. Não tinha nenhum privilégio, não.



**DP:** E todas iam para a escola pública?

**WIS:** Era escola pública primária da roça. Quando passava então para o quarto ano primário, então não tinha mais na roça – porque lá só tinha até o segundo ou terceiro ano primário. Então, nós tínhamos que ir concluir o primário em outro lugar. Muitos paravam porque tinha que andar uma média de oito a dez quilômetros a pé para poder concluir o curso primário.

**DP:** Então o senhor chegou até a quarta série. O senhor concluiu a quarta série, foi isso?

**WIS:** Exato, isso lá nessa cidade do interior, essa cidade, era em Junqueirópolis.

**DP:** Não concluiu em sua cidade natal?

**WIS:** Não, porque nós mudamos para outra cidade. Porque, lá na roça, é assim: a cada um ano, dois anos o meu pai arrendava as terras e, quando terminava aquele contrato, ele renovava, ou senão a gente ia para outro setor ou outra fazenda para poder arrendar outro. E assim a gente ia tocando a vida na roça.

**DP:** E como é que o senhor chegou a São Paulo? Com quem e como o senhor veio parar aqui em São Paulo? Quem chegou aqui primeiro?

**WIS:** Olha, só vim eu na época. Meus pais queriam ir para o Mato Grosso. Eu já tinha em mente que São Paulo seria a minha meta. Então, quando eu completei 18 anos, eu comuniquei meus pais que eu não ficaria mais e, quando eu vim para cá, para São Paulo, meus pais foram para Limeira. Mas os meus pais não vieram.

**DP:** E você chegou sozinho?

**WIS:** Sozinho.



**DP:** Você conhecia alguém?

**WIS:** Eu tinha uns tios que moravam aqui. Então eu fiquei uns tempos na casa deles.

**DP:** E como é que foi o impacto da chegada? O que você se lembra?

**WIS:** Foi muito grande porque era uma enorme diferença do interior, daquela vida, aquele cotidiano. Lá era completamente diferente de São Paulo. E outra, sem colegas, sem amigos, sem aquele pessoal que a gente convivia há muitos anos. E o ritmo de vida também era totalmente diferente.

**DP:** E o senhor chegou aqui em 1973 mesmo?

**WIS:** Não, eu cheguei aqui em vinte de outubro de 1967.

**DP:** E, durante esses seis anos até o senhor chegar aqui, quais foram as suas primeiras atividades?

**WIS:** Eu trabalhei na Santa Casa, trabalhei de auxiliar no Banco Mercantil e numa firma no Bom Retiro, que fazia vários serviços, fabricava guarda-chuva também e eu trabalhei lá uns três anos. E foi quando eu tinha um primo que trabalhava na Prefeitura que falou: “Olha, você não quer se inscrever?”. Eles estavam pegando para diversos tipos de serviços. Aí, na época, existia um lugar para se inscrever que se chamava DAMU<sup>1</sup>, e aí eu fui lá e foi um longo período para eles poderem chamar. Mas eu vim parar na Prefeitura, foi um primo meu que deu a dica.

**DP:** E qual foi o primeiro impacto na sua chegada à Biblioteca, o senhor já sabia o que era a Biblioteca, o tamanho, a extensão, a importância...?

**WIS:** Não, a gente que não conhece, e, quem vem trabalhar... O primeiro impacto foi grande porque era um prédio enorme, muitos livros, coisa que a gente nunca pensou

---

<sup>1</sup> DAMU: Departamento de Administração Municipal



que tivesse aqui dentro - tantos livros, tantos jornais arquivados e revistas. Eu fiquei surpreso. Logo que cheguei, fui apresentado para a nossa diretora na época, ela deu uma palestra porque ela conversava, via o perfil do funcionário, se poderia trabalhar em determinado lugar...

**DP:** E quem era a diretora?

**WIS:** Era a dona Noemi Do Val Penteado. Então foi uma coisa assim... Quando eu ouvi que ia trabalhar numa biblioteca, para mim foi o máximo. E, de fato, gostei muito, tanto que nunca saí daqui.

**DP:** E qual foi a primeira atividade que o senhor teve?

**WIS:** A minha primeira atividade foi com o público. Atendimento ao público e o meu chefe, que se chamava Pedro, deu o treinamento. O bom na época é que a gente foi bem orientado, principalmente para esse tipo de trabalho com o público, tem que ter habilidade, até para você falar. Eu também tive muita colaboração dos colegas, na época, o movimento era muito intenso, as filas eram quilométricas. Era o dia inteiro, era muito desgastante.

**DP:** O senhor chegava aqui a que horas?

**WIS:** Eu chegava aqui meio dia e meia e, então, fazia oito horas.

**DP:** E quem foi que te deu essas primeiras instruções, foi a própria diretora? Qual era a relação?

**WIS:** Tinha uma entrevista para ver onde poderia ir trabalhar porque, como tem vários setores, eu poderia me encaixar dentro de um deles. Mas penso que, no momento, era o setor de referência que estava precisando e ela achou que eu me encaixava ali, então comecei por ali e ficava lá no salão de leitura.



**DP:** O senhor recebia os usuários, as solicitações?

**WIS:** No meu setor eu recebia requisições, conferia, anotava se alguma coisa não estava muito certa. Se pudesse anotar, a gente anotaria. Quando estava errado, a gente anotava e pedia para o leitor fazer outro pedido. Caso não tivesse alguma coisa errada com o pedido, a gente enviava para os andares através daquela caixinha giratória e distribuía também a chegada dos livros, que eram muitos, que chegavam muitos.

**DP:** E o sistema é o sistema que permanece até hoje?

**WIS:** Não, não mudou. É o sistema que acontece até hoje.

**DP:** E teve um momento em que o senhor mudou de função? O senhor desempenhou outras atividades?

**WIS:** A gente não podia ficar em uma atividade só porque, como aqui tinha vários setores, quando a gente chegava aqui, eles treinavam as pessoas para vários setores para que, na hora que precisasse, não ficasse descoberto o setor. Eu estive no jornal, nas revistas.

**DP:** E o trabalho era muito diferente?

**WIS:** Era um pouco diferente, mas sempre mandando o material para o consulente. Eu sempre ia lá pegar o material para conferir e enviar para o consulente. E também estive trabalhando na portaria, que era um setor por demais desgastante, principalmente naquela época. Porque, ali, era o seguinte: exigia-se o documento e muitos leitores não queriam deixar seu documento. Então, a gente precisava convencê-los a deixar o documento. Hoje em dia não, é diferente, mas, naquela época, se não deixasse o documento não poderia entrar no prédio.

**DP:** E, naquela época, as filas eram muito grandes?



**WIS:** O movimento era muito grande e o número de funcionários era triplicado, tinha muito mais funcionários.

**DP:** E o que o senhor se lembra com relação aos diretores, à mudança de gestões? Porque a instituição pública é sujeita a essas mudanças e foram tantas nesses anos...

**WIS:** Foram vários, só que, em nosso cotidiano, isso não era tão sentido. Não, pelo menos os diretores que por aqui passaram não tiveram um grande impacto porque o nosso cotidiano sempre continuava, os horários eram os mesmos no geral. Pode até ter havido outros tipos de mudança na administração geral, mas para os funcionários do atendimento ao leitor, a gente não sentia grandes diferenças, não.

**DP:** E com qual diretor o senhor teve uma aproximação maior? Desses diretores, com quem o senhor teve maior identificação? Enfim, os temas mais curiosos que têm envolvido cada diretor.

**WIS:** Um fato curioso mesmo não teve. Houve um fato com uma diretora, isso não foi nem um fato curioso, mas houve um mal entendido com um consultante. Eu nem estava presente, mas ela deu um tapa em um consultante e o consultante revidou com outro. O mais assim é que foi com consultante.

**DP:** Você se lembra de quando foi isso?

**WIS:** O ano exato eu não me lembro. A diretora com quem aconteceu foi a Janete.

**DP:** É, foi um fato curioso, inédito, que merece ser destacável. E, com relação aos secretários de cultura, prefeitos, houve alguma novidade, alguém que o senhor se lembre?

**WIS:** Sempre houve. Mas quem teve um impacto maior foi a secretária de cultura da gestão da Erundina, a secretária de cultura foi a Marilena Chauí. Parece que ela teve um impacto maior aqui na Biblioteca.



**DP:** O senhor deve se lembrar da reforma, da reforma que teve no prédio, que a Biblioteca ficou fechada e foi mais ou menos nesse período...

**WIS:** Ficou fechada. Eu não me lembro exatamente quando ela ficou fechada, mas acho que, se não me engano, foi logo quando ela assumiu o posto.

**DP:** E como é que foi esse período da reforma? Como é que foi a sua atividade profissional? Vocês foram deslocados para outro setor...

**WIS:** Nessa época foram para vários setores, os funcionários. Os funcionários iam principalmente para uma outra biblioteca, muito boa, por sinal. Mas a gente ficou sem saber para onde ir. Você escolhe. Eu escolhi a biblioteca do Tatuapé e, por sinal, eu gostei muito porque foi uma época boa. Eu nunca tinha saído daqui e fui para lá. Fomos em um grupo de dez a doze pessoas, foi um dos maiores grupos que foi deslocado para outro. Foi bom porque não tivemos tanta dificuldade para nos adaptar.

**DP:** E o trabalho que o senhor desenvolvia, era o mesmo que o senhor desenvolvia aqui?

**WIS:** Não, era um pouco diferente porque lá é empréstimo de livro, tem que ter aquela conferência, os leitores vinham trazer os livros. E tinha uma coisa curiosa: na época, os leitores chegavam e falavam quando um livro era bom ou não, era uma coisa boa porque eles também orientavam a gente. Embora a gente estivesse trabalhando, eles nos falavam.

**DP:** Essa é uma questão mais para o final, mas já que o senhor tocou no assunto: se o fato de mexer com os livros, de ser o zelador dos livros, se, no regime do trabalho, se se permitia que se pudesse ler os livros? Quer dizer, se o senhor tinha tempo para que pudesse ler os livros?



**WIS:** Eu não digo tempo, mas tinha a curiosidade, por causa dos títulos. O livro sempre estava passando pela mão da gente, então, aqueles títulos mais chamativos, anotava os nomes. E, quando tinha oportunidade, a gente lia. Eu li alguns livros mais por este motivo. Lá no Tatuapé, onde eu estive, li por indicação e também por serem títulos chamativos.

**DP:** E qual foi o tempo em que o senhor ficou lá?

**WIS:** Eu fiquei lá um ano e alguns meses.

**DP:** E esse grupo que estava com o senhor?

**WIS:** Alguns eu posso até citar, foi a Silvana, eu, o José Bonifácio, o senhor Hélio, que aposentou há pouco tempo, a Sandra, que trabalha com a gente. E teve outras pessoas: o Gilberto, que esta lá no Centro Cultural, a Teresa Horácio. Eu sei que tem mais gente, mas, no momento, eu não me lembro.

**DP:** E você acha que, nesse momento, houve muita insegurança por causa da reforma, se vocês iriam voltar para a instituição...

**WIS:** O grupo eu não sei, eu sei que eu não sabia. Só vim saber alguma coisa quando fui conversar com alguns funcionários e eles foram me dizendo quando a reforma já estava em seu final, que em tal tempo provavelmente a reforma terminaria. Durante todo tempo eu não sabia, fiquei dois anos afastado e não tinha certeza de quando voltaria.

**DP:** Quais os colegas com quem o senhor teve mais afinidade? Quem foram eles, nessa longa experiência na Biblioteca? O senhor acha que havia aqui dentro da Biblioteca um espírito solidário?

**WIS:** Sim, quando cheguei aqui tive vários colegas, inclusive alguns deles eu não me lembro o nome, mas apenas o apelido: o senhor João, Chapinha, o senhor Leonardo. Eu tive várias pessoas que me ajudaram. Quando a gente chega tem uma



dificuldade em desenvolver algum tipo de trabalho e a orientação e o jeito deles de fazer o trabalho, porque a gente sempre está um pouco nervoso quando chega. Eu tive várias pessoas que me ajudaram e que eu tenho que agradecer, porque foi uma chegada meio assustadora.

**DP:** O que mais te assustava na época?

**WIS:** O público, na época, me assustava um pouco. Na época existiam vários tipos porque era tudo concentrado na Mário de Andrade. Hoje é diferente. Naquela época não existiam várias bibliotecas como hoje, nem internet. Até nas faculdades não tinham um acervo tão bom como têm hoje, o Centro Cultural não existia, então a concentração maior era aqui e em algumas outras bibliotecas do bairro que, na época, começaram a se expandir.

**DP:** Como era o público, mais velho, em comparação com o público de hoje, que são, basicamente, de estudantes e secundaristas? Como era esse público, mais jovem, mais universitário?

**WIS:** Na época o público era muito mesclado, porque a turma do colégio vinha muito aqui. O pessoal que estava na faculdade também vinha fazer uma pesquisa. Então era bem maior a pesquisa, por causa desse público. Porque o meio mais abrangente para se fazer pesquisa, era aqui na Mário de Andrade.

**DP:** E como é que o senhor atendia, essa cancha, desse atendimento ao público? Porque, às vezes, isso é importante, a pessoa vem com uma ideia vaga, sem saber muitas vezes como...

**WIS:** Tem cidadão que chega com os problemas dele e, com um pouquinho de paciência, ele fica satisfeito. Porque ele vem para desabafar, para contar as coisas dele. Porque, muitas vezes, ele não tem com quem conversar. Na rua é muito difícil e aqui se encontra porque sabe que a gente é funcionário, eles tinham a gente como amigo, porque eles entendiam que o funcionário passa confiança. Algumas pessoas que vinham aqui ficavam amigos da gente. Isso porque passou a confiança. E acho

também que era bom porque, além da gente se envolver com essa parte das pessoas gostarem de vir à Biblioteca, eles também vinham contar a sua história. Um colega meu dizia que a gente tem que ouvir e eu dava razão, porque muitas vezes era um problema familiar, um problema de doença, na escola, e que nem poderia contar a história. Só que a maioria deles eu não me lembro, só o de algumas pessoas que continuam a trabalhar.

**DP:** Eu queria que você nos contasse um pouco qual foi o impacto da criação do Centro Cultural. Se, para os funcionários, houve um impacto muito grande, se houve uma diminuição de público... Quais são as suas lembranças daquele momento, no início da década de 1980?

**WIS:** A criação do Centro Cultural foi desastrosa, porque, politicamente, a Biblioteca Mário de Andrade ficou esquecida. E parte do nosso acervo foi para lá, não sei se voltou, e também os conteúdos de artes que nós tínhamos aqui também foram para lá e o público foi também para o Centro Cultural. Para nós, aqui, houve uma queda brusca e eu acho que foi um impacto enorme.

**DP:** E houve uma diminuição do número de funcionários da Biblioteca? Eles acabaram migrando para o Centro Cultural?

**WIS:** Exato, muitos funcionários daqui foram para o Centro Cultural porque a proposta lá era bem melhor do que a dos que ficaram aqui. Tanto os acervos foram para lá, os funcionários e o público também migrou. Para a Mário de Andrade isso foi péssimo.

**DP:** E com a chegada dos funcionários da saúde, como foi a incorporação desses funcionários na Biblioteca?

**WIS:** Nós aqui na época estávamos muito defasados de funcionários. Eles vieram para cá e ajudaram bastante. Eles tiveram algumas dificuldades, mas, pelo esforço

deles próprios, pela colaboração que receberam dos funcionários da Mário de Andrade, eles não tiveram grande dificuldade em se adaptar ao trabalho.

**DP:** Em geral eles ficaram trabalhando na torre... Qual foi a atividade que eles desempenharam?

**WIS:** Exato, eles vieram e, na maioria, ficaram trabalhando com os acervos na torre. Alguns no salão de referência, mas a maioria ficou na torre e continua na torre até hoje. A maioria deles voltou, mas há os funcionários que ficaram conosco até hoje.

**DP:** Eu queria que senhor reconstituísse os momentos mais felizes do senhor na instituição. O senhor é capaz de se lembrar dessas situações que foram as mais gratificantes, o seu reconhecimento no trabalho, as relações com os colegas...

**WIS:** Certo. Aqui tivemos vários momentos gostosos, felizes. Mas o mais importante era quando a gente realizava um trabalho que estava meio dificultoso e a gente conseguia ter êxito. Agora, o momento mais importante mesmo era na época das festas de natal, nos finais de ano, porque havia uma festividade muito grande. A gente se reunia e aquilo ficou muito marcado.

**DP:** E os momentos mais difíceis?

**WIS:** Os momentos mais difíceis foram aqueles em que a gente estava sem funcionários, sem condições de trabalho. Este foi um dos momentos mais difíceis. Tiveram momentos em que faltava gás, faltava papel higiênico, esses foram os momentos mais difíceis. Inclusive até a iluminação era péssima, até para o público era meio complicado, porque se estava em péssimas condições. Então esse foi o momento mais difícil.

**DP:** O senhor é capaz de identificar, tanto nos momentos mais fáceis, como nos momentos mais difíceis, se existia uma relação entre a maneira como a Biblioteca estava sendo dirigida, o empenho dos diretores que estavam dirigindo a Biblioteca?



O senhor havia dito que, no âmbito do funcionamento do dia-a-dia, essas coisas não eram sentidas, tão fortemente sentidas...

**WIS:** Essa mudança não se sentia tão fortemente pela gente. O que ocorre é que muitas vezes isso aí era uma coisa mais política e o diretor administrativo, no momento, não poderia fazer nada. Por mais que eles se esforçassem, eles não conseguiriam, porque a coisa era mais política e ficava muito difícil, porque batalhavam, mas não estavam conseguindo nada. No momento as coisas estavam mais voltadas para o Centro Cultural e a Mário de Andrade ficou um pouco esquecida.

**DP:** Eu estava conversando com a Isabel agora sobre algumas questões que o senhor tinha dúvida e eu queria que o senhor comentasse sobre o que o senhor pensou ao longo dessa semana, quais seriam as questões que o senhor gostaria de falar, que acha importante deixar registrado para essa história...

**WIS:** Sim, foi a pergunta sobre o servidor público, que a gente estava questionando a respeito. A ideia do servidor público, que é aquele que serve, que é aquele que está sempre para ajudar os mais necessitados. Mas, em geral, os seus pagadores de impostos... que é uma crítica que uma colega estava comentando a respeito. Também a respeito do servidor porque o servidor, hoje, já não é tão bem visto pelos olhos do público como antes. Porque, agora, a gente não tem reconhecimento como há anos atrás. Então mudou muito.

**DP:** Como é que o senhor sente essa mudança? No tratamento?

**WIS:** A gente não tem mais um órgão público ou alguém que lute pela classe. Então, há muito tempo que não tivemos mais aumento. E, até há pouco tempo, se dizia alguma coisa a respeito que haveria um aumento de salário ou uma comissão e não vieram. Essas são as críticas que a colega e eu estávamos fazendo a respeito do funcionário. Antigamente se dizia que ser um funcionário era uma coisa muito

importante, era uma coisa que a gente gostaria até de comentar com outras pessoas. Hoje a gente não comenta tanto a respeito.

**DP:** E isso sobre a relação com os colegas, os vizinhos, quando o senhor dizia que era funcionário municipal, que prestava serviços para a Biblioteca Mário de Andrade, o senhor sentia que havia mais respeitabilidade?

**WIS:** Exatamente, havia mais respeitabilidade. Todo mundo queria até que a gente arrumasse um lugarzinho para ele. Agora, já não é mais por este lado, a não ser para ter um emprego porque a situação aí fora anda meio difícil, mas não para ser um funcionário público.

**DP:** E em relação à sua família, os seus filhos, o que eles acham?

**WIS:** Eles sim acham que foi muito importante eu ser um funcionário público. Como meu filho sempre fala: “Mesmo, pai, o senhor ganhando pouco, o senhor nos fez chegar onde nós estamos”. E às vezes eu me sinto até gratificado por ouvi-lo dizer isso porque foi uma luta mesmo. Só que tem uma coisa, nunca faltou nada e isso eu agradeço ao serviço público porque isso me ajudou muito. Eu tenho dois filhos, um com 24 e outro com 26. Esse de 24 trabalha como técnico de enfermagem; trabalha, por sinal, em dois hospitais. O outro é técnico eletrônico, é funcionário da Telefonica e faz engenharia elétrica, está no quinto e já está para se formar.

**DP:** E você sente – isso em relação à Biblioteca Mário de Andrade – de participar de uma das instituições mais tradicionais do país, você sente um orgulho especial?

**WIS:** Claro, porque quem passou, no meu caso, 32 anos aqui e alguns meses, eu me sinto muito orgulhoso por ter vivido todo este tempo, graças a Deus, muito bem. Tenho muitos colegas, os que passaram e os que estão. Então eu só tenho a agradecer. Eu tive sorte porque tive todo este tempo e sempre estive bem na casa e com os colegas. Com os diretores eu também nunca tive problema.



**DP:** E como é que o senhor espera ser lembrado quando o senhor se afastar da instituição? Da responsabilidade, pela pontualidade, pela hospitalidade dos colegas, pela atividade do trabalho...

**WIS:** Eu acho que deve ser pela responsabilidade e também a cooperação com os colegas. Porque eu acho que, sempre quando pude, eu estive presente. Eu acho que isso vai fazer parte da lembrança, da responsabilidade. Porque isso eu acho que é importante para o cidadão.

**DP:** E o que o senhor acha que mais sentirá, pelo fato de não estar mais aqui? O que é que o senhor acha que sentirá...

**WIS:** Eu acho que é da própria Mário de Andrade porque aqui foi a minha vida. Então a própria Mário de Andrade, é claro, com os seus funcionários, mas só de vir, estar presente, resolver problemas e ajudando no que precisa, isso vai ficar na lembrança para sempre. Pode ser que o que eu vou sentir falta será quando não estiver mais presente aqui.

**DP:** Quando houve a reforma física do prédio foi muito difícil, principalmente para o senhor, do setor da torre, todo o deslocamento dos livros. O senhor pode nos falar disso um pouco?

**WIS:** Por incrível que pareça, a Biblioteca Mário de Andrade utilizou pouquíssimos funcionários daqui, que ficou na mão de funcionários que não tinham certo conhecimento e é por isso que foi desastrosa. Nós comentamos com alguns funcionários que foi uma coisa errada que, na época, não se deu que os livros deveriam ser feitos por nós, que temos conhecimento maior e sabemos a importância que os livros têm, tanto para a instituição como para os usuários. Foram pessoas que vieram de fora, sem conhecimento algum, e fizeram este trabalho. Eu, particularmente, fui convidado. Fui bem acolhido e alguns outros funcionários foram convidados nesta unidade e foram bem acolhidos. Pode-se dizer que nós não tivemos dificuldades.



**DP:** E essa volta, como foi esse processo? Quando vocês voltaram, que a reforma da Biblioteca tinha sido finalizada, toda a reclassificação dos livros foi feita por vocês ou não?

**WIS:** Não.

**DP:** Foi por uma empresa terceirizada?

**WIS:** Exatamente, foi de uma empresa terceirizada que fez este trabalho. Está certo que se tinha os diretores aqui, alguns empregados e funcionários que estiveram participando desta volta dos livros. Só que a maioria só voltou quando estava tudo pronto. Alguns funcionários não tiveram quase nenhuma participação na volta dos livros.

**DP:** E, senhor Walter, o senhor mais se ressentiu pelo fato da instituição não ter tido esse plano de carreira? O que é que faltou ao longo desses trinta anos de atuação, de dedicação? Você acha que a instituição não cuidou?

**WIS:** A instituição talvez não cuidou, talvez deixou as coisas irem se passando, que poderia para vários funcionários ter melhorado a situação de quem tem mais tempo na casa. Mas, num todo, eu não tenho nada a falar contra a instituição e nem dos diretores que aqui passaram. Eu acho que foram épocas que vieram que foram difíceis, mas não tenho nada de grave a dizer a respeito.

**DP:** E o que o senhor acha de diferente, de ter sido zelador?

**WIS:** O zelador de livros vive, com o passar do tempo, que ele vai observando que foi muito importante. E aquilo se percebe que ser um zelador de livros é ter um conhecimento a mais e saber a importância que o livro tem para o leitor. Isso deixa o funcionário feliz em saber que ele foi uma peça muito útil para o saber.





**DP:** Acho que a gente podia retomar uma questão da semana passada, que é a questão da afinidade dos colegas. Então eu acharia importante o senhor destacar. Como é que era? Essas atividades eram complementares, porque o trabalho de vocês era muito em cadeia, não é? Todo mundo trabalha e cada um participa. Então, se o senhor pudesse reconstituir, se sempre ela se manteve, ao longo desses anos, se sempre esse procedimento de trabalho foi o mesmo, se o movimento caiu...

**WIS:** Caiu, sim, isso foi na época em que nós ficamos quase sem funcionários. Mas a metodologia de trabalho sempre foi a mesma. É uma corrente, desde a chegada do leitor na portaria até ao atendimento na sala de leitura. Depois, passando para a mesa que faz o atendimento e recebe as requisições, passando para a caixa giratória e pelos elevadores que distribui os pedidos nos andares. Na falta de funcionários, nós tivemos grande dificuldade, porque o funcionário tinha que ficar se deslocando de um andar para o outro. Isso, constantemente, para atender o leitor. Mesmo a gente tendo o problema, o leitor não poderia deixar de ser atendido e ele sempre foi bem atendido, por sinal. Mesmo com dificuldade, nós sempre tivemos os nossos colaboradores, que foram os funcionários que trabalharam junto com a gente. Sempre muito esforçados, a gente estava sempre pronto a ajudar um ao outro, por isso a Mário de Andrade sempre esteve de pé, mas foi uma luta constante durante vários anos. Agora é que eu vejo que nós estamos começando a melhorar. Não falta iluminação, que não tinha, era uma dificuldade tremenda e inclusive a gente usava farolete em alguns setores do prédio, que a iluminação era muito ruim e precisava ser pego o livro para o leitor.

Acabamos passando por essa época, foi ficando mais difícil. O leitor foi reclamar com a gente que não tinha banheiro, nós fomos arrumar. A iluminação também há uns dois anos foi consertada. De alguns tempos para cá ela começou a melhorar. Inclusive até sabonete nós temos porque trabalhamos, às vezes, com as mãos sujas, e temos água; temos o conforto que não tínhamos antes. Apesar de que ainda falta muito, inclusive a informatização, que eu acho muito importante, a falta de funcionários que ainda é grande. Para o público, principalmente, é isso aí: a informatização, a vinda de funcionários capacitados, nós temos um problema grave que são os elevadores que fazem a distribuição dos livros, que é péssimo. No

atendimento ao público é preciso haver uma corrente de coisas certas para poder estar dando continuidade melhor ao atendimento.

**DP:** E o número de usuários decaiu muito, não é?

**WIS:** Sim, decaiu muito e o número de usuários caiu em uma média de 60% a 65%. Porque nós tínhamos filas enormes durante as semanas e aos sábados também. A gente percebeu que, com a criação do Centro Cultural, a demanda se perdeu geral. Embora a Biblioteca Mário de Andrade seja muito bem localizada, mas, mesmo assim, perdemos muito de público. E, agora, para a gente reaver este público, eu acho que precisa haver uma informatização e também procurar chamar este público para a Mário de Andrade. Eu acho que alguma coisa a gente tem que fazer, alguns patrocínios, alguma coisa para se poder aos poucos fazer.

**DP:** Na geração dos seus filhos, eles costumam utilizar a Biblioteca, ou não?

**WIS:** Sim, não só esta. Eles, inclusive, que tiveram muito conhecimento da Mário, que eles usaram bastante. Eles sempre vieram aqui e, por sinal, eles gostam muito daqui.

**DP:** E, senhor Walter, vou perguntar sobre histórias engraçadas. O que o senhor se lembra de episódios curiosos, ou lendas daqui da Mário de Andrade?

**WIS:** A Mário de Andrade é cheia de lendas e episódios, na verdade. Inclusive, alguns colegas disseram que viram alguém passando, alguém vindo, principalmente na parte da tarde e da noite. Isso daí eu sempre falo que é coisa da cabeça de cada um. Eu sempre falo que o Mário fica observando se estão cuidando bem dos livros dele. Mas teve um episódio sim que, inclusive, foi comigo, no salão de leitura. Há muitos anos, como havia um público muito grande e inclusive a sala de recepção no salão tinha par e ímpar. Então, eles vinham do salão com aquelas fichinhas e, de acordo com o número, você pegava a fila. O movimento era tão grande que até ali no Mackenzie se fazia fila. Então um cidadão, que se dizia delegado de polícia,



queria ser atendido na frente dos outros. De cidadão eu não sei, mas a gente, por ser diretoria, podia ser atendido, vamos dizer assim, no atendimento VIP. Mas, estando na sala de leitura, o cidadão tem que seguir as normas, que são todos leitores. Então ele me falou: “Se você não me atender e não me deixar passar na frente dos outros, eu mando te prender”. Aí eu disse: “Não tenho alternativa. Volte e pegue a fila”. Mas isso foi motivo de risada e ele também não falou mais nada e aguardou no seu local correto, que era na fila. E isso também ficou marcado porque, no início, eu também fiquei com medo, até porque eu não tinha muita experiência. Mas isso foi o que mais me marcou porque ele me falou assim: “Você...”.

**DP:** E isso foi por volta de quando?

**WIS:** Isso foi por volta de 1979.

**DP:** E havia alguma situação em que o senhor tivesse sofrido algum tipo de injustiça, algum tipo de preconceito aqui na Biblioteca? O senhor se lembra de alguma experiência dessa natureza, alguma coisa difícil, com os seus colegas, na relação com os diretores?

**WIS:** Não. Sempre tem pessoas reclamando, mas, às vezes, as pessoas entendem da maneira delas, às vezes não. Às vezes não é nem discriminação, mas é que a pessoa não pôde ser atendida na hora que o cidadão queria que fosse. Então, isso não é discriminação. É, talvez, que o funcionário... não poderia ser atendido ou o diretor achava que não fosse o adequado. Mas, durante todo esse tempo, eu não achei nenhuma discriminação.

**DP:** E a integração com os colegas? O senhor atuou em diferentes áreas, diferentes setores... como isso se deu? - o grupo que trabalha com a distribuição dos livros, com a capacitação do livro... Existe uma cultura, aqui dentro da casa, das pessoas saberem o trabalho dos outros setores?



**WIS:** Existe sim. O problema maior aqui foram com os bibliotecários e outros funcionários, que levou tempos para se integrarem porque eram um pouco discriminados. Nessa parte sim. Nós passamos alguns anos que não convivíamos muito juntos. Mas, com o passar do tempo, as coisas foram mudando, e hoje a integração está perfeita. Não tem mais alguns problemas, mas nessa parte tinha sim.

Sim, os funcionários que aqui estão e os que vieram tiveram sim um treinamento, inclusive eu, quando vim para esta casa tive um treinamento, fui a uma palestra a respeito da casa, fomos visitar vários setores para ter conhecimento e durante uma semana tivemos treinamento – no meu caso para o salão de leitura. Tivemos um bom treinamento através dos nossos coordenadores e dos colegas que aqui estavam e isso ajudou muito no trabalho.

**DP:** E vocês tiveram treinamento para este trabalho, para a circulação do livro chegar ao leitor?

**WIS:** A Biblioteca Mário de Andrade, para dar uma sequência a todos os funcionários que aqui estiveram, e que aqui estão, tiveram um treinamento. Eu, quando vim para esta casa, tive um treinamento. Primeiro foi uma palestra a respeito da casa. Fomos visitar vários setores, para se ter o conhecimento. Depois, durante um treinamento meu, que, no caso, nós tivemos pelos funcionários da prefeitura. Então, nós tivemos, através de nossos coordenadores, através de nossos colegas de trabalho que já estavam, tivemos um bom treinamento, que ajudou muito no trabalho do dia-a-dia.